

## ORIGENS DA FILOSOFIA

*Milagre grego:* na terra jônica, o *logos* ter-se-ia desprendido bruscamente do mito, como as escamas caem dos olhos do cego. E a luz desta razão, uma vez por todas revelada, não teria mais deixado de iluminar os progressos do espírito humano. “Os filósofos jônios, escreve Burnet, abriram o caminho que a ciência só teve que seguir”. E precisa, em outra passagem: “seria inteiramente falso procurar as origens da ciência jônica numa concepção mítica qualquer.” (111)

*Continuidade:* a física jônica nada tem em comum, nem em sua inspiração nem em seus métodos, com o que chamamos ciência; em particular, ignora tudo sobre a experimentação. Não é também o produto de uma reflexão ingênua da razão sobre a natureza. Transpõe, sob uma forma laica e num vocabulário mais abstrato, a concepção do mundo elaborada pela religião. As cosmologias retomam e prolongam os temas essenciais dos mitos cosmogônicos. Trazem uma resposta ao mesmo tipo de questão; não procuram, como a ciência, leis da natureza; interrogam-se, com o mito, como a ordem foi estabelecida, como o cosmos pode surgir do caos. (111)

*O que se passou?*

O filósofo não se contenta em repetir em termos de *physis* o que o teólogo tinha expressado em termos de Poder divino. (...) com os milésios pela primeira vez, a origem e a ordem do mundo tomam a forma de um problema explicitamente colocado a que se deve dar uma resposta sem mistério, no nível da inteligência humana, suscetível de ser exposta e debatida publicamente, diante do conjunto dos cidadãos, como as outras questões da vida corrente. Assim se afirma uma função de conhecimento livre de toda preocupação de ordem ritual. Os “físicos”, deliberadamente, ignoram o mundo da religião. Sua pesquisa nada mais tem a ver com esses processos do culto aos quais o mito, apesar de sua relativa autonomia, permanecia sempre mais ou menos ligado. (114)

*Mito*

Nas teogonias orientais, como nas da Grécia, os temas de gênese ficam integrados numa vasta epopéia real que faz se enfrentarem, para dominação do mundo, as gerações sucessivas dos deuses e diversas potências sagradas. O estabelecimento do poder soberano e a fundação da ordem aparecem como dois aspectos inseparáveis do mesmo drama divino, o troféu de uma mesma luta, o fruto de uma mesma vitória. Esse caráter geral marca a dependência da narrativa mítica com relação a rituais reais de que constitui a princípio elemento, formando seu acompanhamento oral. (118)

O rei não domina somente a hierarquia social; intervém também na marcha dos fenômenos naturais. A ordenação do espaço, a criação do tempo, a regulação do ciclo das estações aparecem integrados na atividade real; são aspectos da função de soberania. Como a natureza e a sociedade permanecem confundidas, a ordem, sob todas as suas formas e em todos os domínios, é posta sob a dependência do Soberano. (119)

O mito não se interroga sobre como um mundo ordenado surgiu do caos; responde à questão: quem é o deus soberano? Quem conseguiu reinar sobre o universo? Neste sentido a função do mito é estabelecer uma distinção e como uma distância entre o que é primeiro do ponto de vista temporal e o que é primeiro do ponto de vista do poder; entre o princípio que está cronologicamente na origem do mundo e o princípio que preside à sua ordenação atual. O mito constitui-se nessa distância; torna-a o objeto de sua narrativa descrevendo, por meio da série das gerações divinas, os avatares da soberania até o momento em que uma supremacia, esta definitiva, põe um termo à elaboração dramática da *dynasteia*. (Vernant, 121).

1- Universo é hierarquia de poderes

2 – Ordem no caos é estabelecida pela iniciativa de um agente

3 – É a *monarchia* do agente que garante o equilíbrio das Potências que constituem o universo

*Filosofia*

Dessacralização do saber, advento de um tipo de pensamento exterior à religião. Em sua forma a filosofia se relaciona diretamente com o universo espiritual que nos pareceu definir a ordem da cidade e se caracteriza por uma laicização, uma racionalização da vida social. Mas a dependência da

filosofia com relação às instituições da *Polis* marca-se igualmente em seu conteúdo. Se é verdade que os milésios se serviram do mito, também é verdade que transformaram profundamente a imagem do universo, integraram-no num quadro espacial, ordenado segundo um modelo mais geométrico<sup>1</sup>. Para construir as cosmologias novas, utilizaram as noções que o pensamento moral e político tinham elaborado, projetaram sobre o mundo da natureza esta concepção da ordem e da lei que, triunfando na cidade, tinham feito do mundo humano um cosmo. (115)

A filosofia rejeitará o vocabulário “monárquico” próprio do mito e traduzirá sua vontade de aproximar o que os teólogos necessariamente separavam, de unificar na medida do possível o que é primeiro cronologicamente, aquilo a partir de que as coisas se formaram, e o que domina, governa o universo. Com efeito, para o físico a ordem do mundo não pode mais ter sido instituída, num momento dado, pela virtude de um agente singular: imanente à *physys*, a grande lei que rege o universo devia já estar presente, de alguma maneira, no elemento original de que o mundo surgiu pouco a pouco.

Universo submetido a uma lei, é um cosmo que se organiza impondo a todas as suas partes uma mesma ordem de *isonomia* feita de equilíbrio, de reciprocidade, de simetria. (125)

### **Nascimento da razão. O que isso quer dizer?**

*Nova configuração do espaço do discurso* (Francis Wolff)

Mestres da verdade:

1- o discurso verdadeiro jamais é puramente discursivo. O discurso (do poeta, do adivinho, do rei de justiça) é apenas o elemento de um dispositivo mais geral de enunciação, ato ritualizado, jamais é separável do conjunto das circunstâncias formalizadas que o tornam possível.

2- o discurso não constata o real, ele performativamente o faz ser. O mestre diz a que as coisas são tais; ele diz a verdade (por ser o mestre), logo as coisas são tais: reconhece-se a verdade no mestre que a enuncia.

3 – aquele que ouve o discurso do Mestre da verdade é absolutamente passivo: ele escuta a palavra e a admite como verdadeira porque se submete ao mestre.

“práticas racionais” (*logos*) do discurso ou racionalização das condições de produção da verdade

1- Purificação do enunciado verdadeiro das condições em que é proposto

2- Independência do enunciado verdadeiro em relação à autoridade daquele que o propõe

3- Necessidade, para aquele a quem o enunciado verdadeiro é proposto de reconhecê-lo igualmente como verdadeiro.

Como, onde legitimar o discurso verdadeiro?

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. 15ª ed. Trad. Ísis Borges Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2005.

WOLFF, Francis. “Nascimento da razão, origem da crise”. Trad. Paulo Neves. In: NOVAES, Adauto (org.). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília: MinC; Rio de Janeiro: Funarte, 1996.

---

1 Já não se encontra nenhum elemento ou porção do mundo privilegiado em detrimento dos outros (131)